

Nara Rela

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia
e Teologia – Belo Horizonte/MG – Brasil
Bolsista CAPES
kharuna@terra.com.br

Ética de María Zambrano: dupla fidelidade ao absoluto e ao momento em que se vive

Resumen

A pensadora espanhola baseia sua ética em três pontos: no conceito de pessoa, na liberdade de ação e na consciência histórica. O que se pretende é apresentar como esses «ingredientes» se misturam para que ocorra o agir ético. O caminho a ser percorrido será a apresentação do que a filósofa entende como tempo e suas dimensões, sua ação no eu absoluto e na formação da consciência histórica, tendo como resultado final a transformação do homem como protagonista da história ética.

Palavras-chave

Ética, Pessoa, Absoluto, Consciência Histórica, Liberdade.

Abstract

The Maria Zambrano's ethic is based on three points: the concept of person, the freedom of the action and on the historical consciousness. The aim of this text is to present how these three points are mixed to make possible the ethic action. Therefore, is necessary to understand how the philosopher explains the time dimensions and its action on the absolute in order to transform the human person as a protagonist on an ethical history.

Keywords

Ethic, Person, Absolute, Historical Consciousness, Freedom.

Para o desenvolvimento do presente estudo e a compreensão da trajetória do pensamento de Zambrano, há que se perpassar pelo seu entendimento do tempo e suas dimensões de passado, presente e futuro, bem como a ação deste no eu absoluto onde o instante promove a consciência histórica que, por sua vez, abre à liberdade de agir ético e leva à transformação do homem como protagonista da história ética.

1. O conceito de tempo

Para Zambrano o tempo é continuidade, herança, consequência. Passa sem passar inteiramente, uma vez que passa transformando-se, passa e fica. Ao passar se faz passado, mas não desaparece

inteiramente, pois se isso ocorresse não haveria história. Por outro lado, se o futuro já não estivesse atuando e fosse simplesmente um não-estar não haveria história da mesma forma. Assim, o futuro se apresenta primeiro como o que está para chegar; sentimo-nos vindo do passado, um «estar vindo» e, ao mesmo tempo, o futuro chegando, um «estar chegando». Portanto, não nos sentimos nunca diante do vazio do tempo. É necessário sustentar o passado, mas só se consegue quando se avança para o futuro, quando se vive com vistas a ele, mas sem se deixar dominar. O equilíbrio está em unir o passado e o futuro em um presente vivo, pulsante.

Na relação com o tempo, Zambrano faz distinção entre dois grupos que agem de forma diferente e até contrária. O primeiro, considerado como uma minoria criadora, se adianta no tempo ao se abrir ao futuro através do pensamento, da ciência, da política, da arte, enfim em qualquer gênero de atividade criadora. O segundo é constituído de uma minoria que foge da confusão e se apega a um passado imaginário, pois nenhum passado nos é inteiramente conhecido. Este gênero de minoria desampara o povo, vive de um modo inerte e transforma-se em ressentimento, uma forma de deserção que pode chegar à amoralidade travestida em uma rígida moral. Moral feita de desdém persistente, de negação a ver, a pensar, a perceber, a viver de modo íntegro. A grande epopéia do homem é ser o protagonista da «novela» histórica da qual participa e transformá-la de história trágica em história ética.

2. O conceito de pessoa

Cada homem é formado por um eu e por uma pessoa (persona), a qual inclui o eu e o transcende, pois o «eu» é vigília, atenção, é imóvel, e uma espécie de guardião. «La persona, como su propio nombre indica, es una forma, una máscara con la cual afrontamos la vida, la relación y el trato con los demás, con las cosas divinas y humanas».¹ A pensadora parece fazer um jogo de palavras ao utilizar o mesmo termo para desenvolver seu conceito de absoluto: «persona» como a máscara utilizada no teatro grego e *persona*, palavra em espanhol para pessoa. O termo adquire o sentido de «pessoa» quando esta é moral e, verdadeiramente humana, quando porta dentro de si a consciência, o pensamento, um certo reconhecimento de si e uma certa ordem, enfim quando recolhe o mais íntimo do sentir: a esperança. O sentido de «persona» como máscara ocorre quando se forja uma imagem fictícia de si mesmo, máscara de uma paixão, de endeusamento que condiciona toda ação.

La cuestión es que frente a cualquier sujeto de la acción habría que preguntarse, quién es. Es una persona real, con su sustancia propia, o es solamente el personaje inventado, máscara de un delirio? Si es este último estamos tratando entonces con alguien que es otro; otro no ya para mí, o para los demás, sino otro *para si mismo*. Su verdadera persona está sojuzgada, yace víctima del personaje que lo sustituye.²

1. Zambrano, M., *Persona y Democracia*, Barcelona, Anthropos, 1992, pág. 79.

2. Idem

3. O.c., pág. 124
4. O. c., pág. 13
5. O.c., pág. 21
6. O.c., pág. 60

O movimento histórico se dá pelo surgimento de novas gerações, quando cada uma introduz uma mudança, mesmo que esta não seja sua proposta. Esta mudança histórica introduzida depende igualmente de que ser homem é ser pessoa e ser pessoa é solidão, uma solidão dentro da convivência. O lugar do indivíduo é a sociedade, mas o lugar da pessoa é um íntimo espaço.

Y en él, sí, reside un absoluto. No en otro lugar de la realidad humana. Nada que en nosotros haya sido, nada que sea nuestro producto es absoluto, ni puede serlo. Solo lo es eso desconocido y sin nombre, que es soledad y libertad.³

E sendo solidão é de onde nasce a responsabilidade, onde se assume o que se decide, o que se faz e o que está feito, já que podemos assumir o que não decidimos nem criamos, tomá-lo sobre nós e marchar voluntariamente sob seu peso. A solidão abre o espaço onde não há máscara, personagem e encobrimento, mas sim julgamento, avaliação e definição da qualidade de nossas ações.

3. O conceito de Consciência Histórica

O homem pode estar na história de duas formas: ativa ou passiva, mas somente se faz participante quando aceita a responsabilidade inerente ou quando a vive moralmente. A consciência histórica acontece de forma gradativa. A primeira forma de se encontrar humanamente em uma realidade é suportá-la, padecê-la, ser brinquedo da história. Quando este padecer chega ao extremo do suportável, a realidade se manifesta, uma vez que a realidade para o homem só é visível depois de havê-la padecido por um bom tempo. Ver a realidade é sempre um despertar a ela, sucede em um instante. «Y este instante, el primero del despertar, es el más cargado de peligro pues se pasa de sentir el peso del monstruo de la pesadilla al vacío. Es el instante de la perplejidad que antecede a la conciencia y la obliga a nacer».⁴ Aparece, então, uma forma sutil de consciência histórica acompanhada por uma angústia: o homem teria sobre si a imensa carga de um poder universal. «Pues, la conciencia va acompañada siempre de responsabilidad; no hay conciencia sin ella. Conciencia histórica es responsabilidad histórica».⁵ A história verdadeira só poderá nascer a partir da consciência, apurando-se todos os componentes desse instante de despertar do pesadelo. É através da consciência histórica que o homem assiste a essa dimensão irremediável de seu ser que é a história e vislumbra o horizonte.

Conciencia histórica es signo de que aparece un horizonte adecuado al conocimiento histórico, pues la conciencia o bien engendra el horizonte o nace de él; los dos se implican y se llaman, no pueden existir el uno sin el otro. Son momentos esenciales del conocimiento verdadero de la historia.⁶

O tempo também é algo essencial para o desvelamento do horizon-

te, pois somente quando se transcorreu um certo período de tempo é que surge esse horizonte, onde as coisas históricas se fazem visíveis, se ordenam e se configuram. Zambrano aqui aplica um conceito de cunho aristotélico ao afirmar que é preciso que haja transcorrida e finalizada toda uma etapa no tempo para que se possa entendê-la e avaliá-la.

Conocer la historia es tanto como ver en el tiempo. Y es preciso para ello que haya transcurrido un cierto tiempo. El language popular lo dice con sabiduría ancestral: 'esto se verá con el tiempo'... Y así es: hay verdades que solo el tiempo descubre.⁷

A consciência corresponde a um futuro que temos que tomar parte e pelo qual somos responsáveis, pois ele é criação do homem: pode abri-lo ou fechá-lo, pode negar ou servir. Se o tempo que se abre ante nós não pudesse trazer nada diferente do que já se foi, a consciência não seria necessária. O futuro é o tempo da liberdade. A pessoa desperta na consciência histórica pretende abarcar os acontecimentos que se registram em qualquer lugar do planeta, vivendo em estado de alerta, sentindo-se partícipe de tudo o que acontece; há um sentido de comunidade em que o planeta todo é nossa casa.

Na figura do homem há um condenado e um desconhecido. Condenado é aquele que padeceu por longo tempo e desconhecido é aquele que clama por ser: é o porvir. Zambrano faz uma distinção entre futuro e porvir, pois para ela porvir não é esperar o futuro passivamente, mas agir para que ele ocorra bem. A situação do homem é sempre a de vir de um passado a um porvir e é o único que pode remediar os erros cometidos, pois pode se fazer com que este porvir não seja uma mera repetição do que já foi, mas sim algo novo que se desprende de todo o havido. A história não teria sentido se não fosse a revelação progressiva do homem. Abrir caminho é a ação humana entre todas, é o progresso humano, algo como colocar em exercício seu ser e manifestá-lo concomitantemente. Parece que Zambrano se inspira novamente em Aristóteles ao mostrar que o homem se faz a si mesmo e se aprimora ao exercitar-se.

Y abrir camino es la accion humana entre todas: lo propio del hombre, algo así como poner en ejercicio su ser y al par manifestarlo, pues el propio hombre es camino, él mismo

Descubrir un camino, abrirlo, trazarlo, es la acción mas humana porque es al mismo tiempo acción y conocimiento: decisión y una cierta fe que regula la esperanza en forma tal de convertirla en voluntad. Es pues una acción moral entre todas.⁸

O homem se antecipa sempre, se observa a partir do presente e a partir do futuro, ainda se vê depender do passado absoluto e o carrega consigo. O próprio desta realidade que é a vida humana é transcorrer no tempo, ainda que não inteiramente, mesmo que

7. O.c., pág. 61

8. Ambas as citações estão na página 31.

- 9. O.c., pág. 61
- 10. O.c., pág. 139
- 11. O.c., pág. 160
- 12. O.c., pág. 78
- 13. O.c., pág. 69

esteja encoberta pelo tempo em graus diversos. Diferentemente das coisas da natureza, o conhecimento das coisas da vida só é possível em um horizonte no qual o tempo se descobre deixando-as visíveis, acabadas. Basta aguardar que certos processos estejam acabados para que se mostrem, conforme já explicado. Desta forma, somente quando já não nos afetam seria possível seu conhecimento, trazendo como consequência a impossibilidade de conduzir ou dirigir algum processo histórico, pois este somente seria conhecido quando já não mais fosse possível agir sobre ele. O que a pensadora defende é justamente conhecer quando ainda se pode fazer algo, de se abrir à possibilidade do conhecimento no processo que compreende a vida de cada um, a vida pessoal e a vida histórica: nisso vai a liberdade. «Se trata, pues, de ejercitar el conocimiento histórico para dar lugar al ejercicio de la libertad. Ambos se condicionan, no son posibles el uno sin el otro».⁹

O momento absoluto é aquele no qual nos levantamos acima de nós mesmos, quando um raio de conhecimento atravessa iluminando a inteligência, «en que toda contradicción y toda diferencia aparece abolida, em que nos sentimos ser del todo, tanto, que nos olvidamos de nosotros mismos».¹⁰ Nesses momentos o tempo e seu correr são esquecidos, são como instantes divinos por serem sentidos como eternos, ou melhor, supratemporais, instantes absolutos. Nesse momento absoluto aparece uma verdade que passa, mas passa exigindo fidelidade e há que lhe ser fiel: aquilo que foi visão deverá ser realizado. «Pues en la vida humana no basta con que algo aparezca real, ha de ser realizado día tras día. Y ha de ser edificado, construido. Es la contribución del hombre a la realidad».¹¹

Não há conhecimento que não tenha como origem e fundamento uma intuição, algo simples que se dá em um instante, a partir da qual deve se pensar. Pelo ato de pensar ficam suspensas as paixões, se faz um vazio onde dispomos realmente de nosso tempo, desse tempo que nos escapa instante a instante. «El tiempo durante el cual pensamos es nuestro enteramente: entonces es cuando poseemos realmente el tiempo. Y es cuando somos nosotros mismos en unidad: desaparece el personaje que hemos forjado. Aquel que piensa y el que es».¹² É o momento em que se percebe as ações passadas e em que se decide a qualidade das ações futuras: momento de grande liberdade e poder pessoal, por isso mesmo, de decisão ética. Em função do contexto em que a obra foi escrita, a pensadora remete este momento de poder pessoal a quem detém ao mesmo tempo algum poder perante a sociedade. Para ela, quando o homem chega ao poder, para que seu exercício alcance plenamente o nível moral é necessário desfazer a ilusão de si mesmo, «desse sonho de poder», desprender-se de si. «El que logra llegar al poder – en cualquier aspecto histórico – tiene que desprenderse de él al mismo tiempo que lo ejerce. En la medida que lo logre tendrá sustancia moral su acción».¹³ Portanto, moral plena é exercer o poder legitimamente, fazer-se livre do fantasma de seu sonho convertido em

personagem, personagem histórico, segundo a filósofa, no qual tantos homens esvaziaram sua alma, confundindo-o com esse desprendimento de si mesmos. Na realidade, trata-se de desprender do poder ao mesmo tempo em que o exerce, conservando íntegra a substância da própria alma, da própria pessoa. Novamente, a autora demonstra a influência de Aristóteles em seu pensamento ao afirmar que deve ser considerada a vida de uma pessoa como um todo para avaliar se esta foi de conteúdo ético, uma vez que sempre existem momentos de adversidade, os quais não devem ser entendidos como infortúnio dependendo da forma como foram vividos.

14. O.c., pág. 75

15. O.c., pág. 81

Y en una verdadera autobiografía, de alguien que al final de su vida pudiera, con entera lucidez, recoger su historia, señalarla, etapa a etapa, encontraría en el tránsito de una a otra, un obstáculo distinto, y advertiría quizás que todos tenían algo en común: presentar una sombra, la sombra de sí mismo, de un sí mismo en vía de hacerse, pues al final, el que llegue no arrojará ya sombra alguna. El sabio, o la persona lograda, no tropieza consigo mismo. Y si no tropieza consigo mismo, no tropezará con nadie, pues está en su justo, adecuado lugar.¹⁴

Para explicar a responsabilidade do homem perante a história e o momento em que vive, Zambrano introduz o conceito de alienação. Estar alienado é não reconhecer a si mesmo, não conseguir ser fiel a sua condição essencial. O homem está alienado na história, no tempo e, por isso mesmo, deverá resgatar-se humanizando sua história, fazê-la sua e assumi-la a partir de sua pessoa. Isso significa que a pessoa não está constituída na história, que sua raiz se aprofunda mais além dela, neste tempo onde temos de viver forçosamente a história. Sua desalienação somente se fará possível a partir dessa raiz dada pelo pensamento, quando se dispuser a buscar a verdade. É a sua missão, tarefa, «quehacer» histórico que significa ultrapassar-se para ser algo melhor, para oferecer-se por inteiro a uma empreitada entregando-se à busca ou a conquista de algo que há de ser para todos, que deve servir a todos. É possível querer a verdade sem cair no absolutismo, um perigo que espreita quem cumpre essa busca e que significa alienação. Absolutismo que não é a iluminação do instante absoluto, pois o primeiro se dá como ação de poder e jugo sobre os outros, enquanto o segundo se dá como ação de poder e liberdade em si mesmo. O absolutismo é centrado na pessoa humana, é ficar acorrentado a um momento absoluto e nele deter-se ou abismar-se.

Cuando no sea necesario querer ciertas cosas absolutamente. Cuando la historia transcurra de tal manera que el hombre no pueda proyectar sobre ella ni siquiera la sombra de lo absoluto, que reside en su persona; cuando se haya adentrado en la conciencia.¹⁵

Assim, a relação da pessoa com a sociedade há de converter-se na relação da pessoa moral com a sociedade, pois ser pessoa é algo absoluto. Mas esse absoluto não deve projetar-se indevidamente

16. O.c., pág. 161

17. O.c., pág. 165

sobre o tempo histórico, embora na História tenhamos muitos exemplos de tal projeção de sombra. No entanto, algo no ser humano escapa e transcende a sociedade em que vive, pois o homem como protagonista da história é algo que não se esgota nela, em alguma dimensão do seu ser está além e por isso a produz.

A pessoa em seu instante absoluto sente e define sua ação sobre a sociedade e a qualidade desta depende da dupla fidelidade ao absoluto e ao momento histórico em que vive.

La solución está en la fidelidad, en la doble fidelidad a lo absoluto y a la relatividad, a aquello que vivimos o vemos fuera del tiempo y al tiempo en su correr implacable. Y bien, esto que parece contradictorio es sencillamente algo que existe desde mucho tiempo, es la ética. Y la ética es el modo propio de vida de la persona humana. Querer algo absolutamente, pero quererlo en el tiempo y a través de todas las relatividades que el vivir en él implica.

Se trata, pues, de incluir la vida social en la moral, de vivir éticamente en modo completo. Que la persona incluya en su área a la sociedad.¹⁶

O homem ocidental que retira sua máscara e renuncia a ser somente personagem na história estará pronto para eleger-se como pessoa. «Y no es posible eligirse a sí mismo como persona sin elegir, al mismo tiempo, a los demás. Y los demás son todos los hombres».¹⁷

4. Considerações Finais

A ética de Maria Zambrano possui pinceladas aristotélicas como já descritas anteriormente, mas também kantianas ao colocar como forma de liberdade a decisão moral inequívoca e irrecusável que se dá no momento absoluto como um dever incondicional que possibilita a experiência, a *praxis* para a realização de uma vida futura melhor em liberdade. O mundo ético ideal para a filósofa espanhola é aquele onde cada um possa exercer plenamente a sua condição de pessoa.

Segundo Zambrano, o modo adequado de se tratar com a pessoa é a confiança, fidelidade, fundamento da fé. A fé é a atitude que corresponde ao futuro, é o modo de se tratar com ele, de abrir-lhe caminho. A consciência corresponde a um futuro no qual temos que tomar parte e pelo qual somos responsáveis. Ao nos vermos como responsáveis somos chamados à consciência histórica do momento em que vivemos e convidados a ser protagonistas da novela onde a história trágica pode ser transformada em história ética. Portanto, uma ética baseada na dupla fidelidade ao absoluto e ao momento em que se vive.

